

USO DO *ALLIUM SATIVUM* NA FITOTERAPIA

**HOHENBERGER, Glaucia Fragoso¹; GROSSELLI, Fernanda²; KRANN, Rafaela²;
CEOLIN, Teila³**

¹Acadêmica do 5º Semestre da Faculdade de Enfermagem (FEn)/Universidade Federal de Pelotas (UFPeL). E-mail: glaugfh@hotmail.com; ²Acadêmica do 5º Semestre da Faculdade de Enfermagem/UFPeL; ³Professora Assistente da FEn/UFPeL.

1 INTRODUÇÃO

O uso de plantas medicinais como forma de tratamento é muito antiga, fundamentada no acúmulo de informações por sucessivas gerações. Ao longo dos séculos, produtos de origem vegetal constituíram as bases para tratamento de diferentes doenças (BRASIL, 2006). O interesse popular e institucional vem crescendo no sentido de fortalecer a fitoterapia. O governo federal, percebendo a importância das terapias complementares no cuidado à saúde vem incentivando o uso das mesmas, tendo implementado em 2006 a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde (SUS), com a inclusão da fitoterapia, acupuntura, entre outras terapias (BRASIL, 2006), além da publicação da Resolução da Diretoria Colegiada (RDC) nº 10/2010 da ANVISA, que indica o uso de 66 plantas medicinais no cuidado à saúde (BRASIL, 2010). A terapia com plantas medicinais busca estimular os mecanismos naturais de prevenção de agravos e recuperação da saúde, com ênfase na escuta acolhedora, no desenvolvimento do vínculo terapêutico e na integração do ser humano com o meio ambiente e a sociedade (BRASIL, 2006). Neste contexto, o presente trabalho tem por objetivo relatar as propriedades medicinais do *Allium sativum*, conhecido popularmente como alho, muito usado na culinária, mas pouco conhecido como medicinal.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

Trata-se de um estudo descritivo que avaliou dados qualitativos, vinculado ao projeto “*Plantas bioativas de uso humano por famílias de agricultores de base ecológica na Região Sul do Rio Grande do Sul*”, desenvolvido pela Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas (UFPeL) e Embrapa Clima Temperado. Os locais de estudo foram os domicílios das famílias de agricultores que possuíam uma produção orgânica e a comercializavam na feira ecológica de Pelotas, localizados na área rural dos municípios de Pelotas, Morro Redondo, Canguçu e Arroio do Padre. Os sujeitos constituíram-se de oito famílias agricultoras e suas gerações familiares, perfazendo um total de 19 sujeitos. A coleta de dados ocorreu entre janeiro e maio de 2009. Os instrumentos de pesquisa adotados para obtenção das informações foram entrevista semiestruturada, observação das plantas medicinais, registros fotográfico e georreferenciamento. O projeto recebeu aprovação (protocolo 072/2007) do Comitê de Ética e Pesquisa de Medicina da Universidade Federal de Pelotas (CEOLIN, 2009).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O alho foi citado pelos agricultores de base ecológica como uma planta que evita muitas doenças, sendo utilizado para tratar cortes e infecções externas. Para seu uso externo realizavam o esmagamento do bulbilho do alho em um pano e aplicavam sobre o ferimento (CEOLIN, 2009). De acordo com a literatura o *Allium sativum* também tem outras propriedades terapêuticas. Singi et al. (2005), Alexandre, Bagatini, Simões (2008), Silveira, Bandeira e Arrais (2008) associam o alho a efeitos antiplaquetários, sendo utilizado como alternativa natural à aspirina e apresentando interação com o anticoagulante oral Varfarina por sinergismo ou adição. O efeito anti-inflamatório é citado por Presibella, Santos e Weffort-Santos (2003). A Anvisa (BRASIL, 2010) fala da ação antisséptica do alho. Moreira et al. (2002), Borba (2006), Pilla, Amorozo, Furlan (2006), Pinto, Amorozo e Furlan (2006) e Brasil (2010) apresentam o alho como terapia para problemas respiratórios como tosse, expectoração, gripe, bronquite e até pneumonia (PILLA; AMOROZO; FURLAN, 2006). A Anvisa (BRASIL, 2010) e Carvalho et al. (2008) citam o uso terapêutico do alho como antilipêmico. Pilla, Amorozo e Furlan (2006), Singi et al. (2005) citam-o para o tratamento da hipertensão arterial. Alexandre, Bagatini, Simões (2008) trazem a interação medicamentosa com os anti-hipertensivos inibidores da enzima conversora da angiotensina (ECA) por adição. O alho inibe a ação de uma protease hepática e algumas enzimas intestinais responsáveis pela absorção de alguns medicamentos que compõem o coquetel anti-HIV (ALEXANDRE; BAGATINI; SIMÕES, 2008), porque atuam na mesma via metabólica, conhecida como sistema enzimático do citocromo P450, assim, na presença de suplementos à base de alho, os níveis plasmáticos do saquinavir diminuíram cerca de 50-51% (VEIGA JR.; MACIEL, 2005). Devido aos constituintes a base de enxofre, o alho também pode causar náuseas, vômitos e dermatite por contato (VEIGA JR.; MACIEL, 2005). Nenhum estudo citou a ação cicatrizante do alho, mas sua ação antiinflamatória e antisséptica podem contribuir para a cicatrização.

4 CONCLUSÃO

O conhecimento popular é bastante rico, sendo de extrema importância valorizá-lo, já que pode servir de base para estudos relacionados às plantas medicinais, fazendo com que as práticas complementares tenham maior credibilidade pela população e pelos profissionais da área da saúde através de um olhar multidimensional, que integre as inovações científicas concebidas a partir daquelas já existentes culturalmente. Ainda é necessária a divulgação do uso de plantas medicinais entre a população e os profissionais de saúde, permitindo a indicação das mesmas e o reconhecimento de efeitos adversos.

5 REFERÊNCIAS

- ALEXANDRE, R. F.; BAGATINI, F.; SIMÕES, C. M. O. Potenciais interações entre fármacos e produtos à base de valeriana ou alho. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v.18, n.3, p. 455-463, 2008.
- BRASIL, Ministério da Saúde, **Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS- PNPIC-SUS**. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

- BRASIL. ANVISA. **Resolução RDC nº 10, de 9 de março de 2010**. Dispõe sobre a notificação de drogas vegetais junto Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) e dá outras providências. Disponível em: <http://www.mp.sp.gov.br/portal/page/portal/cao_consumidor/legislacao/leg_saude/leg_sau_anvs/Resol-Anvisa.pdf>. Acesso em: 07 jul. 2012.
- BORBA, A. M.; MACEDO, M. Plantas medicinais usadas para a saúde bucal pela comunidade do bairro Santa Cruz, Chapada dos Guimarães, MT, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v.20, n.4, p. 771-782, 2006.
- CARVALHO, A. C. B.; BALBINO, E. E.; MACIEL, A.; PERFEITO, J. P. S.. Situação do registro de medicamentos fitoterápicos no Brasil. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v.18, n.2, p.314-319, 2008.
- CEOLIN, T.. **Conhecimento sobre plantas medicinais entre agricultores de base ecológica da região Sul do Rio Grande do Sul**. 2009. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2009.
- MOREIRA, R. C. T.; COSTA, L. C. B.; COSTA, R. C. S.; ROCHA, E. A.. Abordagem Etnobotânica acerca do Uso de Plantas Medicinais na Vila Cachoeira, Ilhéus, Bahia, Brasil. **Acta farmacêutica bonaerense**, v. 21, n. 3, p.205-211, 2002.
- PILLA, M. A. C.; AMOROZO, M. C. M.; FURLAN, A. Obtenção e uso das plantas medicinais no distrito de Martim Francisco, Município de Mogi-Mirim, SP, Brasil. **Acta bot. bras.**, v. 20, n.4, p. 789-802, 2006.
- PINTO, E. P. P.; AMOROZO, M. C. M.; FURLAN, A. Conhecimento popular sobre plantas medicinais em comunidades rurais de mata atlântica – Itacaré, BA, Brasil. **Acta bot. bras.**, v. 20, n.4, p. 751-762, 2006.
- PRESIBELLA, M. M.; SANTOS, C. A. M.; WEFFORT-SANTOS, A. M. Influência de extratos hidroetanólicos de plantas medicinais sobre a quimiotaxia de leucócitos humanos. **Rev. Bras. Farmacogn.**, v. 13, n. 2, p.75-82, 2003.
- SILVEIRA, P. F.; BANDEIRA, M. A. M.; ARRAIS, P. S. D.. Farmacovigilância e reações adversas às plantas medicinais e fitoterápicos: uma realidade. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v.18, n.4, p. 618-626, 2008.
- SINGI ,G.; DAMASCENO, D.D.; D'ANDRÉA E.D.; SILVA, G.A. Efeitos agudos dos extratos hidroalcoólicos do alho (*Allium sativum* L.) e do capim-limão (*Cymbopogon citratus* (DC) Stapf) sobre a pressão arterial média de ratos anestesiados. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v.15, n.2, p. 94-97, 2005.
- VEIGA JR., V. F.. Estudo do consumo de plantas medicinais na Região Centro-Norte do Estado do Rio de Janeiro: aceitação pelos profissionais de saúde e modo de uso pela população. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v.18, n.2, p. 308-313, 2008.
- VEIGA JR.; V. F.; MACIEL, A. C. P. M. A. M.. Plantas medicinais: cura segura? **Quim. Nova**, v.28, n.3, p.519-528, 2005.